

O indivíduo na história: a memória e a escrita de si em Dona Teresa Cristina de Bourbon, a mãe dos brasileiros

Rodrigo da Silva Félix¹

Resumo: Sabemos que a História está sempre em construção, e o papel do sujeito também é dinâmico neste processo. Assim, partimos das discussões acerca das muitas relações entre a memória e a história, tomando como referência as experiências de indivíduos manifestadas por meio da escrita na história das mulheres do século XIX, chamada de “literatura do íntimo”, fazendo alusão à prática dos diários íntimos e de cartas nos círculos femininos. A figura de Dona Teresa Cristina de Bourbon, a última imperatriz do Brasil, reflete, num primeiro momento, o conceito de mulher virtuosa, mãe devotada ao lar, ao esposo e aos filhos, representação esta, firmada no Brasil Imperial. Entretanto, podemos observar, através da escrita de si, outros traços que vão além das efemérides que marcaram a trajetória da esposa de Dom Pedro II. De acordo com alguns historiadores, a memória surge como possibilidade curadora da melancolia e das repetições intimamente ligadas à construção de uma auto-representação, neste caso, manifestada pela escrita.

Palavras-chave: Memória. Escrita de si. Feminino. Biografia.

Abstract: It is known that History is always in construction, so the subject's role is also dynamic in this process. In this way, we start by some discussions about the many relationships between memory and history, taking as reference some individuals' experiences manifested by means of the writing of women's history from the XIX century, letters in the feminine entourages. The figure of Dona Teresa Cristina of Bourbon, the last Empress of Brazil, reflects, at first sight, the concept of a virtuous woman, mother dedicated to the house, husband and children, representation which was firmed up in the Imperial Brazil. However, it can be seen, through the writings of herself, other traces which go beyond the events tracking the lifetime of Dom Pedro II's wife. According to some historians, memory comes out as a healing possibility of melancholia and repetitions related to the construction of an auto-representation, in this case, manifested by the writing.

Keywords: Memory. Self script. Feminine. Biography.

¹ Graduado e especialista em Filosofia, mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG).

Ela iria escrever, dizia, quando me encontrasse dentro dela (refiro-me à memória, e não ao sexo, apesar das inegáveis parelhas) escrever dizia esboços a que eu pudesse dar um nome.

Maria Gabriela Llansol

Na tentativa de buscar significados para a complexidade das vivências e práticas cotidianas, quase sempre nos deparamos com o vazio, com a ausência. O voltar-se para si mesmo é um processo longo e exigente, uma infinidade de “fórmulas” nos foram apresentadas ao longo da história. Sob este prisma, é importante relacionar a memória com a escrita e, aqui, uma vida que é escrita, por um indivíduo. Observamos, na história das mulheres, um lugar privilegiado em que a escrita de si manifesta de modo mais latente, um lugar do “Eu” feminino, de suas vivências mais íntimas e revolucionárias, embora essa prática da escrita de si não seja o único meio pelo qual as mulheres do século XIX procuram romper com uma forma de comportamento.

Trazemos, igualmente e de forma modesta, a imperatriz Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II, num olhar sobre sua trajetória marcada pela idealização das virtudes femininas, tal como eram compreendidas. É possível perceber em sua escrita nos diários e cartas, uma mulher que se constitui no espaço íntimo, uma imagem que se difere, em parte, de sua figura pública.

1. Memória e História: a cura do passado

O conceito de memória é crucial para a compreensão do indivíduo na história, de acordo com Jacques Le Goff². O processo da memória no homem faz intervir não somente a ordenação de vestígios, mas também as releituras desses, levando em conta o processo de aprendizagem em que o ser humano se desenvolve e apreende realidades internas e externas. A história está sempre em construção, incompleta enquanto vivência do que já não existe mais. A memória, por sua vez, é um fenômeno sempre atual, um elo entre o vivido no eterno presente. O estudo acerca da memória sempre gerou discussões variadas entre os historiadores. Essa discussão tem como causa vários fatores, dentre os quais, o lugar que a memória ocupa no campo da historiografia, e o caráter enigmático contidos nas formas de representação do passado; a memória se relaciona com a lembrança e o esquecimento.

Paul Ricoeur, em sua obra “Memória, História e o esquecimento”³, marca uma mudança de perspectiva, ao optar por explorar a “fragilidade” da “boa memória”, assim, a neblina começou a dispersar-se. A memória agora é posta como um recurso indispensável e único ao alcance do sujeito na tentativa do reviver experiências, ficando clara a diferença entre rememoração e o simples ato de recordar. Essa problematização é pontualmente discutida por Sabina Loriga, Benito Sch-

² LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

mitd, Angela de Castro Gomes⁴ e outros historiadores, que igualmente tratam da questão sob outras perspectivas, tais como a escrita de si no caso de indivíduos que constroem uma autorepresentação.

Outro aspecto é tratado por Jeanne Marie Gagnebin⁵, onde a memória surge como possibilidade de “cura” do passado. Partindo de reflexões das obras de Theodor Adorno e Walter Benjamim, sobre as experiências traumáticas das vítimas de Auschwitz, nos deparamos com a impossibilidade do esquecimento diante do trauma. Assim, uma “elaboração simbólica” faz-se necessária para a continuidade da existência, sem, no entanto, que haja esquecimento do mal vivenciado. Em contrapartida, de acordo com Gagnebin, é possível um esquecimento voluntário, um desejo do vazio da ausência,

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver e, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. Meio século depois, a situação mudou. Digo brutalmente: conseguimos muito

bem, se quisermos esquecer-nos de Auschwitz⁶.

Muitos são os fatores que podem permitir o “desejo” do esquecimento, tais como a distância geográfica e o passar dos anos, um tipo de imposição da qual nenhum indivíduo está livre. Contra esta realidade, segundo a autora, a memória cumpre uma função benéfica e emancipadora, permitindo uma ressignificação do passado, onde as festas ou eventos comemorativos, segundo Adorno (1970), na leitura de Gagnebin, cumprem um papel secundário,

Adorno não afirma que devemos nos lembrar sempre de Auschwitz; ou seja, ele não defende incessantes comemorações. Não considero nuance irrisória de vocabulário o fato de Adorno, em outros artigos já citados, fale muito de uma luta contra o esquecimento que de atividades comemorativas, solenes, restauradoras, de “resgate” como se fala tanto hoje. Se essa luta é necessária, é porque não só a tendência a esquecer é forte, mas também a vontade, o desejo de esquecer⁷.

Da mesma forma, a tese central no texto analisado de Benjamim (1974) é justamente a saída desta repetição patológica da memória, ou seja, da queixa, da acusação, da relação de “juiz e acusado”. Nesta perspectiva, Gagnebin toma um conceito freudiano de “elaboração e perelaboração”⁸, colocando a memória

⁴ Ver: LORIGA, Sabina. *A biografia como problema: jogos de escalas*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998; SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*. *Estudos Históricos*, 1997. [s/d]; _____. GOMES, Ângela de Castro (org). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

⁵ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

⁶ Idem, ibidem, p. 99.

⁷ GAGNEBIN, 2006, p. 100-101.

⁸ Edição de Freud em alemão, *studiente-ausgate*, Fischer, 1975, pp. 207-15. Nestes textos, Freud faz distinções entre estes conceitos e o “trabalho de luto e melancolia”, onde o indivíduo fica preso em

como geradora de movimento que promove a emancipação do sujeito, a única opção para sair do lodo da melancolia, proporcionando um “enfrentamento” do presente, numa postura ativa no processo histórico. Evidentemente, esse trabalho atravessa o individual e o coletivo,

A aproximação operada por Ricoeur entre o trabalho de elaboração, que permite sair da repetição, e trabalho de luto, que possibilita uma nova ancoragem na vida, sugere que haja muitas afinidades entre a compleição melancólica e a “obsessão comemorativa” de Pierre Nora [...]. Uma obsessão que também pode reinstalar, infinitamente, os sujeitos sociais no círculo da culpabilidade, da auto-acusação e da auto-justificação, que permite, em suma, permanecer no passado em vez de ter a coragem de ousar enfrentar o presente [...]. Nietzsche, Freud, Adorno e Ricoeur, cada um no seu contexto específico, defendem um lembrar ativo: um trabalho de elaboração de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e esclarecimento – do passado e, também do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos⁹.

Na perspectiva de Márcia D'Alessio¹⁰, história e memória têm algo em comum: ambas carregam um duplo significado. A história é uma experiência coletiva dos

homens e a elaboração intelectual sobre ela. Já a memória é um registro, armazenamento, mas também permite trabalhar melhor com os dois fenômenos que aparecem interligados no cotidiano.

Desta forma, a noção de identidade entra no cerne da discussão. Neste caso, a memória constitui-se como um importante meio de conscientização ou construção de uma identidade ancorada nas experiências vividas em um determinado contexto histórico e, conforme Astor Diehl¹¹, a memória é diferente da lembrança, visto que não se constitui de uma simples rememoração de acontecimentos perdidos no tempo, mas algo importante ligado ao acúmulo de experiências.

Memória significa, aqui, experiências conscientes, ancoradas no tempo passado facilmente localizável. Memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente. Ela possui a maior consistência do que lembrança, uma vez que é uma representação produzida pela e através da experiência [...]. A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte de perspectivas de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimentos. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para a consciência histórica e cultural, uma vez que pode abranger a totalidade do passado num determinado corte temporal¹².

A Europa do século XIX foi palco de um importante desenvolvimento indus-

uma “memória obstruída”, com o desejo de uma permanência na repetição, fixando-se no passado. Citado pela autora.

⁹ GAGNEBIN, 2006, p. 105.

¹⁰ D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação*. São Leopoldo, 2001. [s/d].

¹¹ DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: EDUSC, 2002.

¹² Idem, *ibidem*, p. 116.

trial e tecnológico, do mesmo modo, as potências imperialistas procuravam justificar a expansão de seus impérios apoiando-se, dentre outras coisas, em uma ideia de razão e de verdade absolutas da ciência. Nesse contexto, duas correntes de pensamento dominavam a mentalidade europeia: o racionalismo e o conservadorismo.

O positivismo de Auguste Comte, por sua vez, demonstrava que o papel da ciência era superior e responsável pelo progresso, o que reduzia o ser humano a um espectador, “coletor de fatos”. Na reflexão de Sabina Loriga¹³, há o ressurgimento da figura do herói valorizando suas potencialidades, seu “potencial de ação”.

O século XX caracteriza-se, dentre outros aspectos, por profundas mudanças políticas e sociais e por duas guerras mundiais. Nesse contexto, surge na França a importante Escola dos *Annales* tendo como protagonistas Lucien Febvre e Marc Bloch. Essa “revolução francesa da historiografia”, conforme Peter Burke¹⁴ enuncia no título de seu livro, foi um movimento significativo no qual o conceito de história tradicional, política e social, foram debatidos, propondo marcadamente estruturas e novos métodos de abordagem, assim como, reflexões acerca do papel do indivíduo na história.

O ressurgimento da biografia, segundo Sabina Loriga¹⁵, leva-nos a observar a história de indivíduos, mani-

festadas através de suas experiências do cotidiano e registradas através da memória. Nas palavras da autora,

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao cotidiano, a subjetividades outras: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. O desejo de entender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico¹⁶.

2. Memória e a escrita de si na história das mulheres

Na reflexão de Michelle Perrot¹⁷, “a memória das mulheres é verbo”, lembrando a condição de sua vivência no seio da família, ligada às tradições, à memória do privado, sempre direcionada ao íntimo, ao familiar. Às mulheres, na visão da autora, cabe recolher em suas “rememorações” sua própria identidade, as reflexões sobre o cotidiano, sobre suas escolhas, o real de suas vidas.

A escrita de si, através de cartas e diários, insere algumas mulheres do sec. XIX nas variadas manifestações da memória presentes em um processo que ia da correspondência familiar à literatura e à vida pública, norteadas pela “circulação da palavra”. Nas reflexões da escritora Ruth Silviano Brandão¹⁸, a escrita é

¹³ LORIGA, op. cit., p. 233.

¹⁴ BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

¹⁵ LORIGA, op. cit.

¹⁶ LORIGA, 1998, p. 225.

¹⁷ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Bras. de História*. São Paulo: 1989, p. 9-18.

¹⁸ BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

como um rastro é a “vida que se escreve”, e este traço é perpassado e marcado por todas as dimensões da existência, subjacentes à memória, mesmo que, quem escrevia, a princípio, não saiba. A escrita é um ressurgimento constante.

O que chamo de vida escrita é a unidade entre escrever e viver e vice-versa, pois, a escrita se faz por traços de memória marcados, rasurados ou recriados, no tremor ou firmeza das mãos, no pulsar do sangue que faz bater o coração na ponta dos dedos, na superfície das páginas, da tela, da pedra, e de onde se possam fazer traços, mesmo daquilo que resta desses traços, naquilo que não se lê, o que se torna letra, som ou sulco, marcas dessa escavação penosa que fazemos no real.¹⁹

Nesse contexto da intimidade a figura da imperatriz Teresa Cristina aparece como uma esposa devotada aos filhos, ao marido, ao lar, de acordo com o que se esperava do comportamento feminino. Igualmente, é possível vê-la neste espaço íntimo, predominante em seus diários, lugar mais sagrado que o confessionário. Esse conjunto de comunicação de si e do mundo permite, em alguns casos, à mulher da era vitoriana julgar, posicionar-se e atuar no universo particular e na vida pública restrita aos homens. Andrea Linsly Gonçalves²⁰ ressaltava a importância dos diários íntimos com relação às cartas, lugar onde se expressam os sentimentos mais secretos:

Os diários pessoais, por sua vez, torna-

ram-se moda febril em vários países do mundo ocidental no século XIX. Apesar de pertencerem ao subgênero “literatura do íntimo”, os diários tem uma diferença marcante em relação às cartas: pelo menos a princípio, e, sobretudo conquanto registro da vida íntima, e não como anotações de reflexões literárias, filosóficas, etc.. Não foram escritos para serem lidos até mesmo pelo círculo mais íntimo que gravitava em torno de seus autores. Afinal, e a redundância é proposital, os diários eram o produto de uma cultura que não media esforços para manter assuntos privados em âmbito privado [...]. A febre dos diários teria contagiado principalmente as mulheres²¹.

Segundo Ângela de Castro Gomes²², a história da educação no Brasil Imperial é um bom exemplo de verificação do âmbito da vida das mulheres, dado o grande número do professorado feminino na escola formal. É possível perceber, através do que ela chama de “escritas típicas do espaço privado”, referindo-se aos diários e às cartas, uma maneira privilegiada para se compreender partes do universo feminino.

No séc. XIX, quase tudo, era proibido às mulheres; aos homens cabia a política, os livros, a escrita, em suma, a vida pública. A mulher se dedicava ao íntimo, à casa, aos filhos, ou seja, à “paixão pelas coisas”, pelos objetos, pelos álbuns de família etc. Neste contexto, é perceptível a relação estabelecida entre o imaginário cultural da sociedade brasileira do Segundo Império, que buscava enfatizar a figura da esposa de Dom Pedro II como

¹⁹ Id., ib., p. 28.

²⁰ GONÇALVES, Andrea L. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 104-105.

²² GOMES, A. C. 2004.

modelo a ser seguido pelas mulheres. Dessa forma, Dona Teresa Cristina era vista como a “boa mãe dos brasileiros” e o “modelo de todas as virtudes”.

3. Dona Teresa Cristina Maria: olhar biográfico

A biografia como uma possibilidade de escrita da história “reapareceu” nas produções de Pierre Bourdieu, Philippe Levillain e, atualmente com Sabina Loriga, Alexandre Avelar e Benito Schimidt, dentre outros, tratam diferentes horizontes em torno da escrita biográfica, vista sob o prisma de um dos meios de fazer história, destacado por Le Goff²³. Contudo, não se trata simplesmente de “descrever a trajetória” de alguém, mas de diversos conjuntos de redes, no qual o biógrafo manifesta-se, como ressalta Valéria Guimarães²⁴. Na mesma ótica, Alexandre Avelar²⁵ aponta para a relação intrínseca entre o historiador-biógrafo e o biografado e chama à atenção para o perigo presente em algumas biografias que formatam e definem os seus personagens,

O texto escrito por um historiador-biógrafo deve, portanto, contar a história real de uma vida, o que nos coloca inevitavelmente no cerne da problemática da narrativa, ou do seu retorno [...]. Ao construir biografias, os historiadores devem estar

atentos aos perigos de formatar seus personagens e de induzir o leitor à expectativa ingênua de estar sendo apresentado a uma vida marcada por regularidades, repetições e permanências²⁶.

Teresa Cristina Maria de Bourbon nasceu em Nápoles, no dia 14 de março de 1822, ano significativo para sua futura pátria que, então, ficava independente de Portugal. Seu pai, Francisco I, após a derrota de Napoleão, uniu os reinos de Nápoles e da Sicília, dando origem ao Reino das Duas Sicílias. Sua mãe, Maria Isabel da Espanha, era irmã da polêmica Carlota Joaquina, avó de seu futuro esposo, Dom Pedro II. Mary Del Priore²⁷ traça uma imagem de sua infância,

Teresa Cristina cresceu num ambiente feito de tradição, medo e intransigência, emoldurado pelos conventos que davam a Nápoles um aspecto triste. Sua educação foi limitada à cesta de costura, ao piano e ao canto. Dizem alguns que “não pensava em nada”. Mas se não pensava, sentia. E sentia muito²⁸.

A imperatriz do Brasil é vista, grosso modo, pela historiografia como sendo esta mulher distante, religiosa, sem encantos físicos, de uma educação fria e deficiente, cujo casamento, fruto da política, foi traumático e marcado por infelicidade. No entanto, outro olhar, um pouco mais poético, vem do escritor e secretário do Instituto Histórico Geográfico

²³ LE GOFF, Jacques. 1996, p. 12-15.

²⁴ GUIMARÃES, Valéria Lima. *Em torno da biografia como gênero*: apontamentos para uma reflexão epistemológica. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

²⁵ AVELAR, Alexandre. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, vol. 4, 2010, p. 157-172.

²⁶ Id., ib., p. 161-162.

²⁷ PRIORE, Mary Del. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

²⁸ Id., ib., p. 168.

co Brasileiro, Max Fleiuss, em um artigo publicado na Revista do IHGB em 1922:

O céu azul de Nápoles inspirou versos de Tasso (Goethe). Veneração e estudo, (...), grande vulto, perfil mais de santa ou de Madonna (mãe dos brasileiros). Santa velhinha (...) na frente dupla coroa, santidade e martírio, o coração de ouro (...). Branda luminosidade em doce oval de Madonna de Raphael ou de Leonardo da Vinci. Há criaturas privilegiadas, quase “sobrenaturais” (sobrenaturais), que refletem neste mundo a doçura indizível, o encanto extraordinário da terra onde nasceram. Esse fato particularmente se observa com a nossa terceira imperatriz cuja placidez de semblante, branda luminosidade azulina da pupila e beleza da alma transpareciam em seu doce oval de madona de Raphael ou de Leonardo da Vinci, cujo bondoso olhar e sorrir nos traduziam moralmente toda a diafanidade do céu da Itália, harmonizando-se, nos matizes da luz, com o cenário da bahia toda azul de Nápoles, formosa rival da nossa²⁹.

O casamento, realizado com o imperador do Brasil, foi feito por procuração em Nápoles, no dia 1 de julho de 1843. Em 3 de setembro, a bordo da fragata Constituição, a nova imperatriz chegava ao Rio de Janeiro. Durante os 46 anos em que viveu em terras brasileiras, Teresa Cristina cumpriu vários papéis ligados à condição de mulher, esposa, mãe e imperatriz e destacou-se na intimidade e procurou não interferir explicitamente

na vida política. Foi educada à moda das princesas européias, com deveres que deveria cumprir acima de todo interesse pessoal. Já no caminho para o Brasil, já causou admiração daqueles que a acompanhavam, por sua amabilidade e generosidade, chegando a cuidar de um oficial doente.

Teve quatro filhos, sendo que os dois meninos morreram ainda crianças, permanecendo as princesas Isabel e Leopoldina. Viveu, como algumas mulheres de sua época, um casamento que foi arranjado em que o amor não era uma condição essencial. Os supostos romances de Pedro II com Luisa Margarida, a Condessa de Barral, com a atriz Adelaide Ristori e outras mulheres da Corte, acabou por colocá-la também no lugar de mulher traída.

Não foi uma figura de importância no cenário político do Segundo Reinado, não obstante, segundo Carl Koseritz³⁰, era “a mulher mais respeitada em todo país”, um atributo reconhecido igualmente nos círculos republicanos. Dona Teresa Cristina teve um papel idealizado no imaginário daquela sociedade que foi sendo construído, até certo ponto por ela mesma, optando pela vida na intimidade, sendo quase santificada e colocada como exemplo a ser imitado. E este aspecto era difundido pela imprensa, como observamos nas notas de alguns jornais da época, por ocasião de seu aniversário e de sua morte:

²⁹ FLEIUSS, Max. A imperatriz D. Thereza Christina. In: *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, 14 de março de 1922, vol. 143, p. 4.

³⁰ KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

Completa hoje mais um ano de existência a nossa virtuosa, e tão virtuosa quanto amada imperatriz. Este aniversário natalício é todos os anos o motivo de sincera expansão de contentamento para todos os brasileiros. Tal o grau de estima e respeito em que é tida a excelsa princesa, que veio neste país assumir a coroa e imperar verdadeiramente em todos os corações [...]. quem durante tantos anos nada mais tem feito do que aumentar dia a dia a respeitosa estima e a veneração sincera de um povo, está hoje ausente, oprimida por um dever sagrado. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 14 de março de 1888).

Quarenta e seis anos viveu dona Teresa Cristina na pátria brasileira, que sinceramente amava e, durante tão longo tempo, nunca, em parte nenhuma deste vasto país, foi pronunciado o seu nome, senão entre louvores e frases de reconhecimento. (JORNAL DO COMMER-CIO, 29 de dezembro de 1889).

O que foi esta santa senhora, não precisamos repeti-lo. Sabe-o, todo o Brasil, que no golpe que feriu profundo o imperador, lembrou-se que era justa e universalmente proclamada a mãe dos brasileiros. (GAZETA DE NOTÍCIAS).

Tendo em vista as diferentes atuações de outras mulheres na história do Brasil, à guisa de exemplo, a imperatriz Leopoldina, têm havido tentativas de pesquisadores recentes de buscar os mesmos aspectos em D. Teresa Cristina, propondo uma “reabilitação” de sua memória na historiografia brasileira, contribuindo, a princípio, na elaboração de outros adjetivos: “a imperatriz arqueóloga”,

“silenciada” dando-lhe outros lugares. Analisando algumas cartas e diários³¹, vê-se uma mulher que priorizou a vida familiar, dedica ao marido, aos filhos e netos, mas que também dava importância aos detalhes e procurava aconselhar, como se evidencia na correspondência com o genro Conde D’Eu:

29 de maio 1869, 10h da noite

Meu caro filho Gastão

Recebi ontem a tua carta de 15, e uma para o imperador que logo entreguei. Ela me fez o maior prazer sabendo que, graças a Deus, ia passando bem não obstante, as ocupações que deves ter, meu caro Gastão. Com prazer também li que o exército está agora mais satisfeito e animado com a tua estada lá. Ouvi dizer que se esperava em Montevideú naqueles dias o marechal. Tomara certo bem longe do Lopez. Espero em Deus que breve verei esta guerra acabada”.

[...]. “Deus te conserve em boa saúde e que em breve te veremos voltar gloriosamente, entre nós, acabada esta terrível guerra. Tomara saber o Lopes, já de todo fora do Paraguai, não podendo prendê-lo com tu dizes, caro Gastão, mas eu tenho a esperança que se possa alcançá-lo e prendê-lo³².”

Dona Teresa Cristina acompanhou, a seu modo, os acontecimentos marcantes do país que adotou, tais como a Guerra do Paraguai (1864-1870), bem como favoreceu, conforme ressalta o his-

³¹ Toda a correspondência e os diários da imperatriz estão conservados no Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis, RJ.

³² Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis/RJ.

toriador Aniello Avella³³, a vida cultural do Brasil Imperial, trazendo diversos artistas, sobremaneira italianos formando uma “república italiana”. Trouxe consigo objetos raros constituindo um importante acervo arqueológico da América Latina, atualmente conservado no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

Suas cartas em diferentes momentos e em grande parte dirigidas ao círculo familiar acentuam particularidades da personalidade de Teresa Cristina e sua relação com o imperador, conforme aparece neste fragmento à filha Isabel,

1876 - Exposição da Filadelfia

Teu pai ainda na função e eu vim para casa muito aborrecida. Tenho visto de tudo só pelo meu lado, porque teu pai quer ver tudo, só paciência. Tenho visto pelos jornais que tens ido a diferentes estabelecimentos; parece que comesas a fazer a mesma atividade que teu pai, o que estimo, minha querida e boa filha.³⁴

01/01/1880

Aqui estamos torrando, todas as tardes chuva e trovoadas, quem me dera ter aí um pouco de neve. Temos intenção de ir para Petrópolis; por enquanto tudo está tranquilo, mas não estou sossegada porque temo que à primeira contrariedade que o povo tiver com o imposto, teremos coisas mais fortes. Que Deus proteja teu pai. O ministério pediu demissão e foi chamado Saraiva, mas como ele está na

Bahia, não se sabe se aceita.³⁵

Nos diários da imperatriz o traço preponderante é um cotidiano organizado por eventos oficiais bem pontuais, deixando clara a imagem de si da mulher do imperador no espaço público, seus dias são anotados quase sem nenhuma reflexão mais íntima, contrariando a noção do diário com espaço da subjetividade por excelência. No que concerne a Teresa Cristina este espaço não era tão livre, ao passo que em suas cartas quem fala é a “afetuosa”, “amiga do coração Thereza”. O estudo de seu arquivo pessoal permitiu contrapor estes dois espaços: o público e o privado da “mãe dos brasileiros” e a forma que ela assimilou essas duas realidades, optando pela ação no silêncio, nos bastidores igualmente, visualizar outras reflexões sobre sua trajetória e seu legado para a História do Brasil.

Nos últimos anos do Império, Teresa Cristina “cuidava das flores e dos pobres”, segundo escrevia Aloísio Sobrinho no *Correio do Povo* em 30 de dezembro de 1889. Após a proclamação da República, seguiu com a família para o exílio na Europa, falecendo em 28 de dezembro do mesmo ano, sendo sepultada no panteão real dos Bragança em São Vicente de Fora, Lisboa. Várias cidades brasileiras homenageiam Dona Teresa

³³ AVELLA, Aniello Angelo. *Una napoletana imperatrice ai tropici*: Teresa Cristina de Bourbonne sul trono del Brasile, 1843-1889. Roma, Itália: Exòrma, 2012, p. 80.

³⁴ Fonte: Arquivo Grão Pará. Museu Imperial de Petrópolis/RJ.

³⁵ A Imperatriz refere-se à chamada “Revolta do Vintén”, ocorrida entre 28 de dezembro de 1879 e 4 de janeiro de 1880; nela, a população, furiosa com o imposto cobrado sobre os bondes, proposto pelo ministro da fazenda, protestou violentamente pelas ruas do Rio de Janeiro, deixando muitos feridos e mortos.

Cristina, tais como Teresópolis, no Rio de Janeiro, Teresina, no Piauí, e Imperatriz, no Maranhão. Pouco se falou na historiografia brasileira, quase nada na italiana, sobre esta napolitana que veio para uma terra distante e de contrastes. Pensando na escrita biográfica como um meio de compreensão do passado e de seus indivíduos, Dona Teresa Cristina Maria surge no campo de possibilidades para tal pesquisa.

Referências bibliográficas

AVELAR, Alexandre. A biografia como escrita da história: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, vol. 4, 2010, p. 157-172.

AVELLA, Aniello Angelo. *Una napoletana imperatrice ai tropici*: Teresa Cristina de Bourbone sul trono del Brasile, 1843-1889. Roma, Itália: Exòrma, 2012.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil*. São Paulo: UNESP, 2003.

BERNARDES, Maria Elena. *A invisibilidade feminina na política*. Campinas: UNICAMP/CMU, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRENTI, Santi. *Breve Historia da Sicilia*. 2. ed. Roma: Newtoncompton Editori S.R.L, 2005.

CUNHA, Ligia Fagundes. Imperatriz Teresa Cristina. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 1974, p. 206-246.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Memória e historiografia*: limites e possibilidades de uma aproximação. São Leopoldo, 2001. [s/d].

DIEHL, Astor. *Cultura historiográfica*: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

DOM PEDRO II. *Viagens pelo Brasil - diários de viagem 1859*. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 2003.

FLEIUSS, Max. A imperatriz D. Thereza Christina. In: *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, 14 de março de 1922, vol. 143, p. 4.

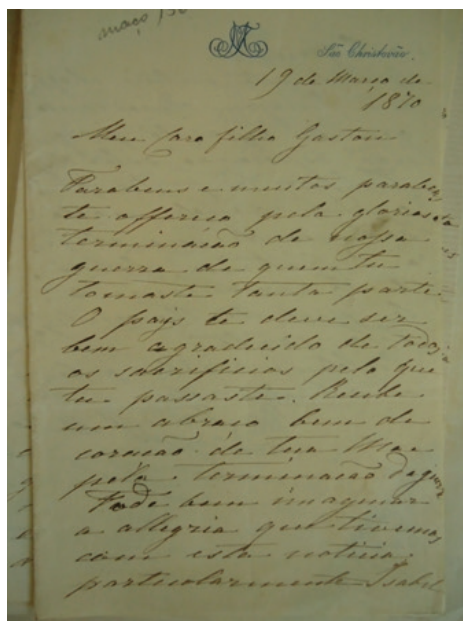
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. Uma filosofia do cógito ferido: Paul Ricoeur. In: *Estudos avançados* 11 (30), 1997. p. 261-272.
- GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si e a escrita na história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- GONÇALVES, Andrea L. *História e gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GUIMARÃES, Valéria Lima. *Em torno da biografia como gênero: apontamentos para uma reflexão epistemológica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- KOFES, Suely. *Memória de histórias femininas, memórias e experiências*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- LEVI, Geovani. Os usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 167-182.
- LEVILLAIN, Phelippe. Os protagonistas da biografia. In: REMÓND, René. *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996, p. 148-149.
- LORIGA, Sabina. *A biografia como problema: jogos de escalas*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998.
- _____. A tarefa do historiador. In: SCHMIDT, Benito Bisso e CASTRO, Ângela de Castro. (org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- MATOS, Maria Izilda de. *Por uma história da mulher*. São Paulo: EDUSC, 2001.
- NISBET, Robert. Conservadorismo e Sociologia. In: MARTINS, José de Souza (org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Bras. de História*. São Paulo: 1989 p. 9-18.
- _____. *Memórias femininas, mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.
- _____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- PIRES, João Ricardo. *Notas de um diário de viagem a Minas Gerais- 1881*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 191fls (dissertação de mestrado).
- PRIORE, Mary Del. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- _____. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *O príncipe maldito*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11) 1998: p. 89-98.
- _____. Epistemologia feminista: gênero e história. In: Pedro; Joana; Grossi (org.). *Masculino e feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROCHA, Levy. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Vitória: Secretaria da Cultura, 2008.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, 1997. [s/d].
- _____. (org.). *Escrita de si: escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. Grafias da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. *História Unisinos*: vol. 8, n. 10, jul.-dez. 2004.
- _____. GOMES, Ângela de Castro (org.). *Memórias e narrativas autobiográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 76.
- TAUNAY, Afonso. *No Rio de Janeiro de Dom Pedro II*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- TRINDADE, Hélio. *O positivismo: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- ZERBINI, Eugênia. A imperatriz invisível do Brasil. *Revista da Biblioteca Nacional*, 02 de Fevereiro de 2007. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/a-imperatriz-invisivel>>. Acesso em 20 de mai. 2011.
- ZIMMERMANN, Tânia. Biografia e gênero: repensando o feminino. *Revista de História Regional* 9(1): 31-44, Verão 2004.

Anexos:



Dona Teresa Cristina em Nápoles, 1888. Foto de: F. Pesce (Fonte: Museu Imperial/IBRAM/Ministério da Cultura). Disponível em: *Coleção Retratos da Família Imperial*. Arquivo Histórico do Museu Imperial. Petrópolis-RJ. 2002 (CD-ROOM).



Carta dirigida ao Conde D'Eu, 1870. Foto do autor (Fonte: Arquivo Histórico do Museu Imperial/IBRAM/Ministério da Cultura). Petrópolis-RJ.